

Luiz Fernando de Paula: 'Um ajuste fiscal mais forte poderia repetir 2015'

Para o economista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Haddad mostra que vai fazer um ajuste fiscal não radical

Por Diego Viana — Para o Valor, de São Paulo

20/01/2023 05h00 · Atualizado há uma hora



“Um ponto importante é o endividamento das famílias, que aumentou muito”, diz Luiz Fernando de Paula — Foto: Divulgação

O economista Luiz Fernando de Paula, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, não vê motivos para o risco-país piorar:

- **LEIA MAIS: O que o pacote de Haddad indica, segundo economistas**
- **Arminio Fraga: 'Vejo as medidas de Haddad com bons olhos. É o início de um trabalho difícil'**
- **José Luis Oreiro: Medidas de Haddad “buscam dar uma satisfação ao mercado”**
- **Manoel Pires: “Vamos ter que ter paciência. As balas de prata que geram economia já foram usadas”**

Valor: *Que sinais o governo envia com as medidas anunciadas pelo ministro Haddad?*

Luiz Fernando de Paula: Ele quis mostrar que vai fazer um ajuste fiscal que não vai ser radical. Há um aumento de gastos já contratado, então Haddad indica que haverá um certo ajuste. O governo entrou agora e está sendo muito cobrado, até de forma precipitada. Existe a expectativa de uma agenda redistributiva e é importante que se diga que o contexto é de uma economia que entra em desaceleração forte. Vai sair de um crescimento ao redor de 3% para algo como 0,8%. Um ajuste fiscal mais forte poderia repetir 2015, quando o governo não conseguiu fazer seu ajuste rápido porque a desaceleração se aprofundava, reduzindo as receitas.

Valor: *Uma sinalização tem um receptor, que, no caso, é o mercado. Ele lê favoravelmente o anúncio?*

De Paula: O mercado é muito volúvel. Minha impressão, por indicadores como o câmbio, é de que o mercado recebeu bem o pacote, que mostra uma preocupação do governo de fazer algum tipo de controle sobre os gastos. O mercado faz uma pressão forte e o governo vai ter que caminhar num fio de navalha, porque o equilíbrio político é tênue.

Valor: *Na melhor das hipóteses, as medidas entregariam um pequeno superávit. É realista?*

De Paula: Tem um certo “wishful thinking”. É difícil avaliar quanto se pode economizar com revisão de contratos, por exemplo. O programa litígio zero é interessante, embora se possa criticá-lo porque esse tipo de iniciativa estimula a pessoa jurídica a não pagar e esperar o momento da renegociação. É um Refis generoso, que isenta PJs de pagamento de juros e multa. Mas acho válido, porque o passivo é estimado em R\$ 1 trilhão. Se isso puder ser trazido para a arrecadação, é positivo.

Valor: *A carta que o sr. endereçou ao presidente Lula em novembro, em parceria com outros economistas, enfatizou a estabilidade do risco-país em momentos de expansão fiscal. O índice tem ficado entre 240 e 280 pontos desde o ano passado, apesar de turbulências políticas e controvérsias econômicas. A que se deve a estabilidade?*

De Paula: A situação mudou muito desde 2003, quando Lula assumiu pela primeira vez. Um elemento é o nível das reservas cambiais, hoje quase dez vezes maior. O BC tem capacidade de intervir no mercado de câmbio e tem solvência. Não há maiores problemas no setor externo. O mercado de dívida é seguro. Com a economia voltando à normalidade, serviços voltando a rodar, fundamentos razoavelmente bons, não tem por que o risco-país piorar.

Valor: *O setor externo está turbulento: as economias centrais podem entrar em recessão e estão aumentando o juro, sem falar na guerra na Ucrânia. Pode ser uma ameaça?*

De Paula: A situação é mais difícil do que em 2003, certamente. A China relaxou as medidas de isolamento social, o que pode impulsionar um crescimento, mas há uma expectativa de que os EUA e a Europa entrem em recessão. A economia brasileira é muito suscetível ao cenário internacional, mas temos a expectativa de um superávit comercial de US\$ 72 bi. Infelizmente, é mais por causa da desaceleração, que reduz as importações. É um ajuste não tão virtuoso como se fosse pelo lado das exportações. Enfim, não vejo o cenário externo como calamitoso.

Valor: *Onde estão as maiores ameaças?*

De Paula: Um ponto importante é o endividamento das famílias, que aumentou muito. O total da dívida das famílias, em proporção à da renda acumulada em 12 meses, passou de 40% a 50% entre 2020 e 2022. Embora o desemprego tenha caído, a renda, os salários, não estão crescendo. As famílias se endividam para manter o nível de consumo. Com a taxa de juros alta, isso é um problema. A inadimplência está aumentando e os bancos sinalizam que vão reduzir o crédito. Por isso, é preciso que a redução dos juros comece no meio do ano, com o arrefecimento das pressões inflacionárias, combinado com o ajuste fiscal light.

Valor: *E quanto às pressões de gasto?*

De Paula: No gasto, o governo vai ter que ser bastante seletivo. É complicado, por causa da pressão para reajustar os salários dos servidores, congelados há anos. Alguns gastos têm mais efeito multiplicador que outros, então é preciso escolher bem onde se vai gastar. Definir os programas e projetos a financiar, para dar um gás numa economia que aponta para a desaceleração. Tem projetos de infraestrutura, por exemplo, ou a construção civil, que é intensiva em trabalho.

Valor: *Ao tomar posse no Ministério do Planejamento, Simone Tebet falou em "divergências" e "sinergia" na equipe econômica. Como lhe parece a composição do ministério?*

De Paula: Lula repetiu o que tinha feito no primeiro mandato, quando teve um ministro da Fazenda ortodoxo (Antonio Palocci) e um ministro do Planejamento heterodoxo (Guido Mantega). Agora é o contrário, embora Haddad esteja longe de ser heterodoxo. Tem um contraponto e Lula vai fazer a arbitragem. Ele gosta de fazer isso: alimentar o contraditório e ficar arbitrando. Mas a questão central para o longo prazo é outra.

Valor: *Qual?*

De Paula: Se termos um governo que tenta apenas fazer uma transição política e econômica suave, para normalizar a situação do país, melhorar as políticas públicas e os programas sociais, retomar o que foi dilapidado; ou se o governo vai ser capaz

de estabelecer uma política estruturante de longo prazo. Aí entrariam as questões de arcabouço fiscal, transição energética e política industrial.

Mais do Valor **Econômico**

Genesis entra com pedido de recuperação judicial nos EUA

Empresa listou mais de 100 mil credores, sendo cerca de US\$ 3,4 bilhões dos 50 maiores sem garantia



20/01/2023 09:10 — Em Criptomoedas

Bolsas da Europa avançam com repercussão de indicadores, balanços e Davos



20/01/2023 09:09 — Em Finanças

Fitch corta nota de crédito da Americanas de 'C' para 'D'

Analistas da agência de classificação de risco destacam que a nota da Americanas é justificada pela deterioração de sua liquidez, de R\$ 8,8 bilhões em setembro para R\$ 800 milhões atuais, além da dívida declarada de R\$ 43 bilhões



20/01/2023 08:52 — Em Empresas

AGU cria grupo para elaborar regulamentação da Procuradoria Nacional da União de Defesa da Democracia

Grupo de trabalho terá a duração de 30 dias, podendo ser prorrogado por ato do advogado-Geral da União, Jorge Messias



20/01/2023 08:45 — Em Política

Agenda de empresas: Americanas entra com recuperação judicial e Justiça proíbe bancos de cobrar dívidas

Confira o que você precisa saber e acompanhar nesta sexta-feira



20/01/2023 08:17 — Em Empresas

Alphabet, dona do Google, vai demitir 12 mil funcionários

A Microsoft anunciou o corte de 10 mil pessoas. Nos últimos meses, outras 'big techs', como Amazon e Meta, também fizeram grandes demissões



20/01/2023 08:06 — Em Empresas

PF realiza operação para prender mais oito envolvidos nos atos golpistas do dia 8

Operação foi batizada de Lesa Pátria e será permanente, ou seja, à medida que mais participantes dos ataques forem identificados pelos investigadores, novas fases podem ser iniciadas



20/01/2023 08:04 — Em Política

Bolsas da Ásia fecham em alta com ganhos do setor de aviação e bens de consumo

Os dois setores registraram alta com os investidores esperando os ganhos com viagens durante o feriado do Ano Novo Lunar, que deve fazer com que as bolsas funcionem de forma reduzida na próxima semana



20/01/2023 07:41 — Em Finanças

VEJA MAIS